



A contação de histórias no cumprimento da Lei nº 10.639/03 e na luta por uma educação antirracista

Palavras-Chave: CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS, LEI Nº 10.639/03 , EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Autores/as:

NAYARA G B F DA SILVA (ORIENTANDA)- FE/UNICAMP
DRA. DEBORA CRISTINA JEFFREY (ORIENTADORA) - FE/UNICAMP
ROBSON BOMFIM SAMPAIO (COORIENTADOR) - FE/UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Com o saldo negativo resultante dos anos de escravidão, a sociedade brasileira percorreu e ainda segue um grande caminho em busca da reescrita da história dos povos negros que por diversas vezes teve sua imagem associada a negatividade. Com as lutas do Movimento Negro no Brasil iniciadas nos anos setenta, do século XX e que posteriormente tiveram suas conquistas inseridas no campo político, relacionada as questões raciais, buscava-se a desconstrução dessa imagem negativa e em contrapartida a emancipação social dos povos negros. O grupo ainda, proporciona espaços para o debate e a superação do racismo na sociedade brasileira e está presente em diferentes organizações sociais, uma delas é a escola, considerada por este, um local onde o racismo está presente, mas ao mesmo tempo, indica-o como potência de vir a ter produção de novos conhecimentos e saberes, sobre si e sobre o outro (GOMES, 2017).

A escolha de pensar na efetivação da lei 10.639/2003 a partir da Educação Infantil, se dá pelo fato do racismo aparecer já neste período escolar, e a necessidade de se trabalhar a temática desde a mais tenra idade. É possível notar que os preconceitos aparecem nas brincadeiras, nas distribuições de funções que cada um desempenha, nas falas e no tratamento com as crianças não negras, entre as próprias crianças e este último pode ocorrer do adulto para com as crianças também (CAVALLEIRO, 2012).

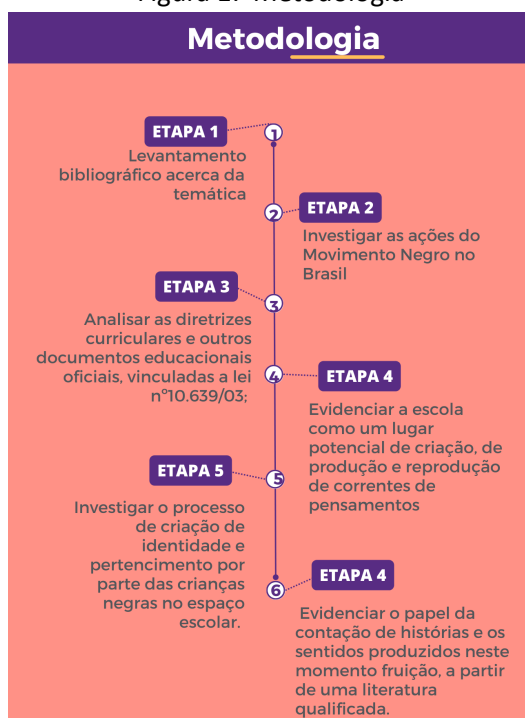
Com a criação da Lei nº 10.639/03 obriga-se portanto, que haja nas escolas o tratamento da História e Cultura afro-brasileira, para maior alcance da democracia e representatividade no campo educacional, com o respaldo legislativo a prática de educação antirracista tornou-se possível no meio educacional, sendo ela a reconstituição da sociedade a partir dos preceitos democráticos de igualdade racial e o fortalecimento da cultura popular. A educação antirracista auxilia no desaprender do racismo, tendo em vista que todos estamos inseridos em uma sociedade racista estruturalmente (GLASS, 2012). Com a criação de uma educação da igualdade haverá a superação de preceitos e as mazelas racistas permeadas pela história brasileira.

Notou-se que o ato de contar história pode ser uma ação afirmativa para além de uma simples ferramenta educativa. O contato com as narrativas orais permite mudanças efetivas no modo de construir o eu interior, na reelaboração do ser, na ampliação de repertório, e no modo de agir socialmente, ressaltando-a assim como processo de humanização e alteridade (BROCANELLI, 2013; ABATE, 2019; PILLOTTO, 2021). Com intuito de contribuir em pesquisa no campo de política educacional, tendo como plano de fundo a temática étnico-racial, a presente pesquisa teve como objetivo analisar as

contribuições da contação de histórias, como ação afirmativa, na concretização da Lei 10.639/03 e na criação de uma educação antirracista.

METODOLOGIA:

Figura 1: Metodologia



Fonte: Elaborado pelos autores na plataforma “www.canva.com”

Utilizou-se como método a pesquisa qualitativa (Figura 1), que permite uma averiguação múltipla da realidade, por levar em consideração as relações sociais e a diversidade no modo de viver (FLICK, 2019). Com o tema de pesquisa delimitado, sendo a investigação do papel desempenhado pela contação de histórias na efetivação da lei 10.639/03 e a construção de uma educação antirracista, parte-se para a busca na literatura, o intuito dessa busca primária é o levantamento do que já existe acerca do assunto, utilizou-se as bases de dados como: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Educ@, Portal de Periódicos CAPES.

Para tal pesquisa definiu-se os seguintes descritores, que pudessem retornar resultados que se relacionassem com a temática como “contação de histórias”, “lei 10.639/03”, “educação antirracista” e a relação entre elas em sala de aula. Inicialmente notou-se poucos resultados com as três palavra-chaves juntas, por isso optou-se pelo reorganização dessas: ora a pesquisa foi realizada “contação de histórias e lei 10.639/03”, ora com “lei 10.639/03 e educação antirracista” de modo que todas as possibilidades de agrupamento fossem exploradas.

Outros resultados puderam ser encontrados quando pesquisou-se as palavras separadamente, possibilitando materiais que abordassem cada aspecto de forma individual e aprofundada. Outra parte do levantamento relaciona-se a documentos ou diretrizes oficiais que tratam da temática em sala de aula, seja como meio de orientações, evidências da sua importância no trabalho ou até mesmo direcionamentos de possíveis propostas.

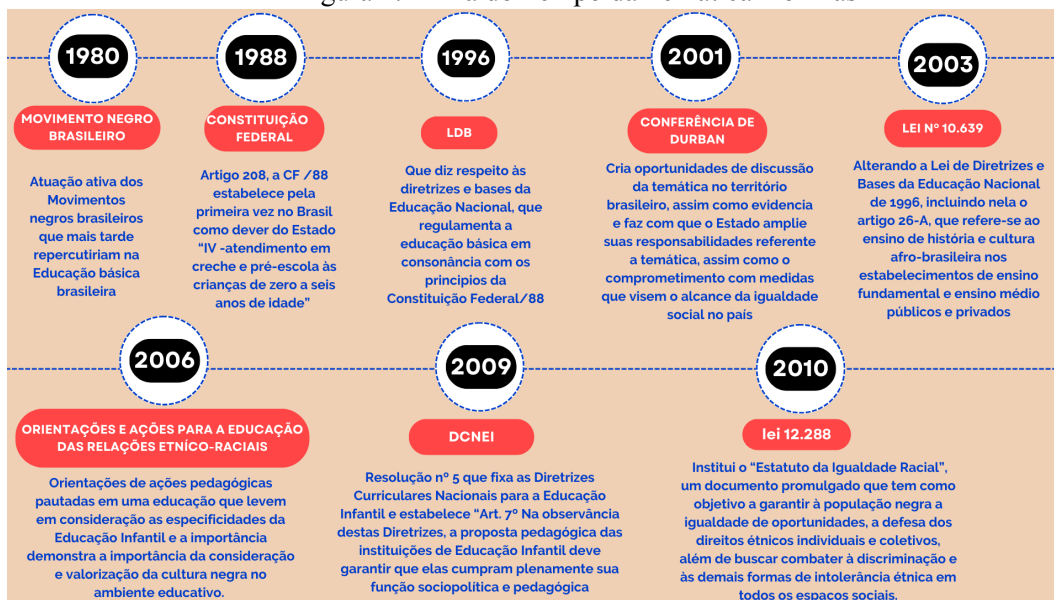
RESULTADOS E DISCUSSÃO:

O deslocamento interpretativo conceitual para a criação de uma ótica crítica é um exercício explorado pelos Movimentos Negros Brasileiros¹ que tem como pauta e agenda de luta a superação do racismo, a emancipação social e luta pela efetivação da democracia é entendido, segundo Gomes (2017), como espaço de emancipação e reivindicações ativas e que afirma o seu caráter político e educador nos espaços sociais, levando em consideração suas denúncias e as discussões sobre o racismo, as desigualdades e a discriminação racial, que só foram iniciadas e consideradas conforme o Movimento ganhava força.

Ainda se tratando das ações desse grupo, diferentes espaços sociais foram alvos de atuação do Movimento, entre eles o campo educacional. O que justifica essa escolha é a perspectiva que se tem da educação como possibilidade de alcance da igualdade, espaço para o exercício de respeito e reconhecimento, bem como o convívio com as diferenças. Desse modo, evidencia-se a potência presente no chão da escola, a sua função social e o quanto o resultado de sua atuação afeta diretamente a sociedade, principalmente ao percebê-la como "um importante espaço-tempo passível de intervenção e emancipação social..." (GOMES, 2017, p.25). Não desconsidera-se que na escola é possível encontrar diferentes correntes de pensamentos, pelo contrário é justamente por isso a ideia de que por meio dela a socialização dos saberes produzidos pela comunidade negra possa ser difundida e reconhecida socialmente.

Para melhor entendimento do percurso da temática na educação brasileira (Figura 2), pretende-se apresentar uma panorama da política educacional, mais especificamente da Educação Infantil, a fim de possibilitar maior entendimento sobre o curso das questões étnico-raciais no âmbito escolar.

Figura 2. Linha do Tempo da Temática no Brasil



Fonte: Elaborado pelos autores através da plataforma "www.canva.com"

Com todo o percurso apresentado percebe-se que desse modo, criam-se novas forças também dentro do ambiente escolar, desenvolvem-se percepções a fim de captar novas subjetividades e

¹ A utilização do termo em letra maiúscula é adotado no sentido, que o considera como sujeito político, ativo e produtor de conhecimentos (GOMES, 2017).

singularidades, que apesar de já estarem na escola, - antes não eram consideradas -, mas sim subalternizadas.

Como ponto inicial relacionado ao ambiente escolar, é de que sendo um recorte social, segundo Oliveira (2010), tem sido espaço de reprodução do racismo, seja na diferença de tratamento entre crianças brancas e negras, como na imagem do negro trazidas nas literaturas, muitas vezes atreladas ao preguiçoso, perigoso e mal-educado ou até mesmo em falas preconceituosas de profissionais da área educacional. O ambiente escolar, senão preparado e comprometido com o bem estar de todos, pode ser um local reprodutor das desigualdades sociais e raciais, como bem analisou Cavalleiro (2012), que ao debruçar o olhar sobre o ambiente de uma pré-escola, para entender como eram estabelecidas as relações entre professoras/alunos e também entre alunos/alunos a partir das questões étnico-raciais notou. Nesse percurso evidencia a existência do racismo estrutural, existente também no espaço escolar, aparecendo como racismo institucional resultado da visão pré-concebida e estereotipada contruída do negro socialmente.

A contação de histórias tem se apresentado como uma ferramenta pedagógica fundamental, que pode ser considerada uma ação afirmativa, a qual é utilizada como meio de reconhecimento e ao mesmo tempo superação das desigualdades sociais, podendo ser momento oportuno para inserir a temática em sala de aula de forma leve e orgânica. Percebeu-se que a partir das boas literaturas pode-se conseguir mudanças significativas na interiorização das crianças, assim como a falta da responsabilização e/ou consciência por parte dos professores em suas falas e atitudes, podem causar interiorizações prejudiciais ao processo de construção da autoestima e da identidade das crianças (ARAUJO, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Desse modo, percebe-se que ao utilizar a contação de histórias como ação pedagógica-preventiva, permite a introdução do assunto no cotidiano escolar e possibilita trabalhar diversas situações em que as crianças passem a indagar a realidade tal como é, e assim criar no ideal novas interiorizações e conseqüentemente novas ações futuras. Também proporciona a criação do processo de identidade e pertencimento por parte das crianças através da literatura de qualidade, ou seja, literaturas que não tenham a imagem do negro atrelada a estereótipos e preconceitos concebidos socialmente.

Portanto, nota-se a necessidade de inserir a temática em sala de aula como meio de proporcionar a criação de um espaço de escuta e acolhimento das necessidades dos alunos não brancos e também oportunizar o seu protagonismo. Desse modo, utilizá-la como ação pedagógica-preventiva, permite a introdução do assunto no cotidiano escolar e possibilita trabalhar diversas situações em que as crianças passem a indagar a realidade tal como é, e assim criar no ideal novas interiorizações e conseqüentemente novas ações futuras.

Nesse sentido, considera-se a potência existente no campo da imaginação e da fantasia podendo ser considerada um lugar de transformação, de possibilidade de mudança do real, como também a potência de enxergar o outro ao passo que se vê. Portanto, a contação de histórias, se bem utilizada, pode permitir através do campo da imaginação o alcance da transformação crítica da realidade e a possibilidade de indagar o real e assim, recriá-lo.

BIBLIOGRAFIA

ABATE, Elizabete Aparecida Bragatto; STOLTZ, Tania. **Contaçon de histórias e desenvolvimento do adulto contador**. Práxis Educativa. Ponta-Grossa, vol.15, p. 1-17, 18 dez. 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.15.14674.020>>. Acesso em: 12 mai. 2022.

ARAUJO, Débora Cristina de; DIAS, Lucimar Rosa. Vozes de Crianças Pretas em Pesquisas e na Literatura: esperar e o verbo. **Educação & Realidade**, v. 44, 2019.

BROCANELLI, Cláudio Roberto; GIOTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; ANDRADE, Lizbeth Oliveira de. **A educação como experiência a partir de histórias lidas e contadas**: momentos de (re) criação da infância!. Revista de Educação PUC-Campinas, p. 47-54, 2013. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edpuc/v18n01/v18n01a05.pdf>> Acesso em: 12 mai. 2022

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

GLASS, Ronald D. **Entendendo raça e racismo**: por uma educação racialmente crítica e antirracista. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, v. 93, p. 883-913, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbeped/a/rWZGsfTHC7kJPckv3r5s48M/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 14 mai. 2022

GOMES, Nilma. **O Movimento Negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

OLIVEIRA, Fabiana de; ABRAMOWICZ, Anete. Infância, raça e "paparicação". **Educação em Revista**, v. 26, p. 209-226, 2010.